

## **MEC recomenda que escolas deixem de reprovar**

*Carolina Benevides*

*Medida, que não tem caráter de lei, acaba com a reprovação nos três primeiros anos do ensino fundamental*

No apagar das luzes do governo Lula, o ministro da Educação, Fernando Haddad, homologou a recomendação do Conselho Nacional de Educação (CNE) que acaba com a reprovação nos três primeiros anos do ensino fundamental e cria o Ciclo de Alfabetização e Letramento. Já a partir deste semestre, gestores de todas as escolas do Brasil podem decidir se continuam com o sistema seriado, mantendo a possibilidade de reprovação, ou se adotam a recomendação. A medida foi tomada, segundo a secretária de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC), Maria do Pilar Lacerda, a partir da constatação de que muitas crianças são re-provadas no primeiro ano:

Tivemos um índice de aprovação de 94,9%, em 2009, o que nos mostra que, de cada cem crianças, cinco ainda são reprovadas logo que ingressam na escola. Pesquisas apontam que, se o aluno é reprovado, dificilmente terá sucesso. A recomendação, que não é lei, é para garantir que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos.

O Brasil tem, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), 31 milhões de alunos no ensino fundamental. Desses, quase dez milhões estão nos três primeiros anos. No entanto, pouco mais de dois milhões têm mais de cinco horas de aula por dia.

Polêmica, a aprovação automática divide educadores. Professor da USP, Ocimar Alavarsi, que já foi coordenador pedagógico da rede municipal de São Paulo, de 1995 a 2008, acredita que a "reprovação no ensino fundamental devia ser zero":

Mais de 70 mil foram reprovados no primeiro ano em 2008, e isso não tem paralelo com outro país. A evasão escolar também é alta. Então, a recomendação é um avanço. Crianças devem ficar nove anos na escola, e o desafio é descobrir o que devemos fazer para que elas aprendam. Mesmo incompleta, já que o CNE não diz como as crianças devem ser acompanhadas, a recomendação abre o debate.

Para Susana Gutierrez, uma das coordenadoras do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio (Sepe), a recomendação é "boa na teoria".

Não segmentar o processo de alfabetização e acompanhar cada uma das crianças é bom. Mas, na prática, escolas têm salas superlotadas, muitas aulas de reforço são dadas por voluntários, professores têm pouquíssimo tempo para planejar as aulas e as condições de trabalho são ruins. A sensação é que as propostas não são feitas por quem conhece o dia a dia das redes diz Susana. Mudar a forma de avaliar, sem permitir que um trabalho de qualidade seja feito, é um desrespeito.

Desde 2009, as crianças matriculadas na rede municipal do Rio de Janeiro já convivem com o que o CNE acaba de recomendar. Os alunos dos três primeiros anos são reprovados apenas ao final do terceiro ano. No entanto, em 2007, o então prefeito Cesar Maia assinou decreto instaurando a progressão automática nos nove anos do ensino fundamental, dividindo o período em três ciclos. Em 2009, foram encontrados 13 mil alunos do 4 e 5 anos que precisavam ser realfabetizados, e outros 17 mil do 6º ano que também eram analfabetos funcionais.

Crianças se alfabetizam em idades diferentes e achamos prudente manter a não reprovação no 1º ciclo — diz Claudia Costin, secretária municipal de Educação, que concorda com a decisão do CNE, mas faz um alerta: — Não pode ser interpretada como algo que leve os professores a retardar o processo de alfabetização nas escolas públicas. Se for assim, o apartheid educacional aumenta. Cabe aos gestores não permitir que a medida prejudique os alunos.

---

## **Para educadores, mudar sistema não garante qualidade**

*Segundo eles, é preciso investir nos professores e reformular currículo*

A maneira como a recomendação do CNE será implementada em todo o Brasil preocupa educadores. Coordenadora do mestrado em Educação da UniRio, Claudia Fernandes acredita que o sistema de ciclo é um avanço do ponto de vista pedagógico, mas que só mudar o sistema não garante qualidade na Educação:

A escola seriada ainda é a dos séculos XVIII e XIX, quando se acreditava que todos aprendiam no mesmo tempo; então, mudar é importante. No entanto, o sistema de ciclos tem sido usado para melhorar o fluxo, para que as crianças deixem de ocupar vagas nas séries, quando deveria garantir ensino de qualidade.

De acordo com Claudia, não basta que o CNE recomende a não reprovação:

Tem que dar contrapartida. Os professores, por exemplo, deviam ter a chance de ser mais bem formados e as escolas teriam que se reorganizar para trabalhar com o novo modelo. Do jeito que é feito, o aluno vai contar com a sorte, quando a qualidade devia ser para todos. Se nada mudar, ficará como está. As crianças que não aprendem com o sistema seriado, também não aprende rão no sistema de ciclo. É uma perversidade deixar ir para a escola e não ensinar.

*Sistema de ciclos não pode encobrir problemas*

Para Andrea Fetzner, também professora de pós-graduação em Educação na UniRio, o sistema de ciclos pode ser considerado ruim quando usado como solução para o que o governo não consegue resolver:

O gestor público não oferece recursos, não reformula o currículo, mesmo com a velocidade com que as coisas mudam no mundo contemporâneo, não dá espaço para o professor planejar aulas coletivamente e aí o problema vira a não reprovação. O sistema de ciclos é problemático quando encobre falta de gestão, quando é usado para não melhorar a educação. Falta de qualidade é responsabilidade dos gestores. No entanto, não podemos esquecer que reprovar os alunos nas condições oferecidas não é justo.

Presidente do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeosp), Maria Izabel Azevedo Noronha teme que a "exclusão seja apenas postergada" com a implantação do ciclo de alfabetização:

A sociedade avalia as pessoas. Se o ciclo for aplicado em todo o país e não houver avaliação continuada para rever o projeto pedagógico, se as escolas não oferecerem aulas extras para quem tem mais dificuldade, a chance de o estudante ser reprovado no quarto ano é grande. É uma exclusão postergada, uma passagem vã pela sala de aula.

---

## **'Quando a gente põe um filho na escola, espera que ele aprenda a ler, não é?'**

*Adauri Antunes Barbosa*

Em São Paulo, pais cobram dos professores, que reclamam da infraestrutura

Os dois filhos da dona de casa Carla de Campos que fazem o ensino fundamental em São Paulo, Caíke, de 9 anos, e Aysha, de 7, ainda não aprenderam a ler e escrever, segundo a própria mãe disse ao GLOBO na tarde da última sexta-feira. O garoto está na terceira série e a menina, na segunda Mãe de cinco filhos, Carla tem dificuldade em distinguir se as escolas que as crianças freqüentam é municipal ou estadual:

Eu só sei que tem uma que distribui leite e outra não, mas não sei se é da prefeitura ou do estado — admite.

Na capital paulista, as escolas da prefeitura fazem distribuição de latas de leite em pó para os alunos levarem para casa e as escolas estaduais, que também atendem o ensino fundamental, não concedem esse benefício.

Mesmo com dificuldade em diferenciar a escola municipal da estadual, Carla sabe o que as escolas de Caíke e Aysha têm em comum:

As duas são muito ruins. Quando a gente põe um filho na escola, espera que ele aprenda a ler e escrever, não é?

Para Carla, dois problemas impedem que as crianças aprendam a ler a escrever: a progressão automática em São Paulo, 99 a cada cem escolas oferecem o sistema de ciclos e "a falta de disciplina dos professores":

Como é que pode eles não conseguirem ensinar? Como o aluno vai passar mesmo, para eles tanto faz que a criança aprenda ou não — diz Carla, em frente ao Centro de Educação Unificada (CEU) Caminho do Mar, no Jabaquara.

Há mais de 20 anos no magistério municipal, uma professora que prefere não se identificar garante que é comum alunos até a 4- série do ensino fundamental não estarem alfabetizados:

Os pais ameaçam bater se o filho for reprovado. Como a ordem é não reprovar, aí o professor não reprova mesmo.

Segundo ela, turmas superlotadas também dificultam o aprendizado:

Já teve caso de uma turma com 52 alunos. Como uma professora consegue dar aula com 52 crianças em sala?

Contatada, a Secretaria Municipal de Educação não respondeu aos telefonemas e e-mails do GLOBO.

**Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 14 fev. 2011, Primeiro Caderno, p. 5.**